

LITERATURA E IDENTIDADE: LEITURA DOS DISCURSOS DE DARCY E UBALDO RIBEIRO

Eliane Maria de Oliveira Giacon^{*}
Marlon Leal Rodrigues^{**}
Daniel Abrão^{***}

RESUMO: O presente texto resulta de um projeto de pesquisa financiado pela UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), que discute a relação entre a obra *Viva o povo brasileiro* (1984), gênero ficção, de João Ubaldo Ribeiro e o ensaio *O Povo brasileiro* (2000) de Darcy Ribeiro. Embora sejam gêneros até certo ponto distantes, os dois abordam a mesma temática sobre enfoque diferente, sendo que muitos dos discursos do negro como uma matriz da formação da sociedade brasileira estão evidente, muito mais numa relação de preconceito de classe do que de raça. Nesse sentido, as duas obras possuem vidas diferentes: se por um lado a primeira consagrou o escritor na década de 1980; a outra pertence a um ensaísta, que já estava consagrado há muito tempo.

PALAVRAS-CHAVE: povo; preconceito; análise

ABSTRACT: The present text results of a project of research financed for the UEMS (Universidad Estadual de Mato Grosso do Sul), that the relation between the *Viva o povo brasileiro* (1984), sort fiction, of João Ubaldo Ribeiro and the essay *O povo brasileiro* (2000) of Darcy Ribeiro, even so are sorts until certain point distant, the two approach same thematic on approach the different ones, being that many of the speeches of the black as a matrix of the formation of the society Brazilian is evident, much more in a relation of preconception of classroom of what of race. In this direction, the two workmanships possess different lives: if on the other hand the first one consecrated the writer in the decade of 1980; to another one anthropology belongs to one, that already it was consecrated has much time.

KEYWORDS: people; preconception; analysis

INTRODUÇÃO

Antonio Candido diz que o tecido da obra literária é uma encruzilhada secular, na qual vem bater toda a aventura espiritual do ocidente. (2000, p.78). A aventura espiritual pode ser interpretada a partir da perspectiva de que há uma relação temática, de conceitos, de mecanismos, de forma entre as obras literárias. Pode ser *zeitgeist* em uma determinada época ou o fato das

^{*} Professora Ms. da UEMS-Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Curso de Letras de Nova Andradina. Doutoranda em Literatura

^{**} Professor Dr. da UEMS-Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Curso de Letras de Campo Grande. Doutor em Linguística.

^{***} Professor Dr. da UEMS-Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Curso de Letras de Campo Grande. Doutor em Literatura

leituras de um escritor, o transformem em herdeiro de uma tradição. A tradição ocidental carregou como as geleiras carregam uma compostagem de material oral e escrito, que se disseminou nas produções escritas sejam elas, em prosa e verso, na literatura, ou nos textos teóricos.

A obra literária passa, no decorrer da sua história dentro da tradição ocidental “absorve os significados dos textos com os quais dialoga num sentido amplo do termo”(CANDIDO, 2000,p.73).Ao processo de absorção dos textos anteriores ao texto recente e também ao mesmo tempo a capacidade de inter-relação entre textos de um período dá-se o nome de intertextualidade

A intertextualidade como propriedade descrita, passou a significar um procedimento indispensável à investigação das relações entre diversos textos. O resultado do processo é a obra, o intertexto, que em si traz o significa de tecer, misturar tecendo e de forma singular. É na urdidura do texto, que muito é perdido e muito é recuperado, pois é na alternância do que se esquece e do que se lembra, que se organiza a continuidade da literatura como diz Candido(2000).

A continuidade da literatura não pode ser apenas observada dentro do sistema literário, pois ela se expande para além das fronteiras do literário, daí vem o *zeitgeist*, aqui tomado não somente como um clima de uma época, mas também como uma fonte da qual a tradição ocidental bebe de épocas em épocas. Sendo assim não há a possibilidade única de pensar somente a relação de comparação entre um texto literário e outro, mas sim entre o literário e o não literário. Nem somente na distribuição temporal sob a qual os textos de dispõem numa relação de passagem de bastão(expressão de Candido), mas sim numa relação atemporal, que faz com que os textos tenham uma relação entre si devido aos reflexos históricos. Sabe-se pelos estudos da Escola de Anales, que um fato histórico pode repercutir em meio a intelectualidade por quase cem anos. O vibrar das ondas de um fato pode atingir tanto o literato quanto o sociólogo; o filósofo e o físico; o poeta e o leitor. Todos estão presos na mesma onda, originada num fato histórico, independente da data em que eles se manifestam em seus textos.

A dificuldade de vê-los sobre esse prisma faz com que pensemos em ler um texto e automaticamente compará-lo com um predecessor. Assim quando lemos *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, se já lemos *Dom Quixote* de Cervantes fazemos algumas comparações, quanto aos personagens, visto que percebemos a intertextualidade. E assim sucessivamente podemos perceber certa herança, contudo nem sempre essa relação acontece no plano da literatura, muitas vezes a fonte que os escritores bebem é o fator de comparável e não entre as obras.

Um caso que veremos, nesse artigo, ocorre entre as obras *Viva o povo brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro e de *O povo brasileiro*, de Darcy Ribeiro, a primeira publicada em 1984 e a segunda em 1995. Pela lógica

temporal seria dizer o que a obra de Darcy Ribeiro deve a de João Ubaldo. A resposta seria nada. Isso porque a obra de Darcy Ribeiro foi gestada durante muitos anos sob a perspectiva de ler a identidade nacional do brasileiro, enquanto João Ubaldo leu a mesma identidade sob o viés da releitura da História Oficial, a partir de dois grupos: os descendentes da elite e o dos escravos. Como ler essas duas obras, que são de tipologias diferentes com temáticas semelhantes. A forma encontrada foi os estudos de Literatura Comparada.

1

Por que comparar duas obras tão diferentes? Pois uma é romance, ficção e a outra um ensaio sobre a brasilidade. Aí esteja um ponto, que há muito vem assediando a nossa interpretação da literatura contemporânea. Na literatura contemporânea ocorrer certa aproximação do texto literário com discussões sobre a identidade tanto a nacional quanto a individual. Como se os romances nos levassem a perguntar de uma forma ou de outra sobre “o estar no mundo”.

O romance de acordo com Lukács “procura descobrir e edificar a totalidade secreta da vida”(2000, p83) e “é a epopéia do mundo abandonado por Deus”(2000, 89), que se desdobra num gênero, que chega ao século XX se perfazendo como uma forma de ler a sociedade e sua história. Se o romance por um lado procura edificar a totalidade secreta da vida, ele assume um papel de um pseudo-ensaio sobre a identidade nacional. Ao utilizar os elementos da narrativa e de ser ficção, ele passa a não ter compromisso com a verdade, visto que ele inverte o processo mimético, ao atrair para o seu campo gravitacional a polifonia, a intertextualidade, a discussão sobre a sociedade, a dessacralização da Historiografia Oficial, a denúncia da corrupção da sociedade, a presença de personagens, que representam as minorias.

Ao ser a epopeia do mundo abandonado por Deus, o romance assume de forma disfarçada um papel diverso daquele conhecido pela literatura, de ser apenas arte. O que ocorreu, nas últimas décadas do século XX, foi que o romance, na forma em que se encaixa *Viva o povo brasileiro* como um novo romance histórico, passa a ler a História Oficial, contudo, ele não parou só nisso, pois o narrador discute ao longo da obra a formação do povo brasileiro.

O livro de Darcy Ribeiro também discute a formação do povo brasileiro. Não só Darcy Ribeiro como outros nomes antes dele teceram discursos sobre a identidade nacional. O que vem a ser o discurso, enquanto forma de produção de sentido, ao se referir a formação do povo não apenas por uma matriz, mas pelo entrecruzar pacífico entre todas as outras. O discurso de Darcy Ribeiro é pautado em ler a identidade nacional e construir

um discurso homogêneo e pacificador. O discurso parte de um pressuposto ideológico, que vem reforçando a miscigenação gratuita, aquela em que todas as partes se sentem satisfeitas.

No romance *Viva o povo brasileiro* (1984) de João Ubaldo Ribeiro”, a miscigenação não é gratuita, mas fruto de uma eterna luta de classes. A obra de João Ubaldo antecede a de Darcy Ribeiro, e se configura em um acontecimento artístico vivo coincide a data de sua publicação, “ com o período da abertura política, pois (grifo nosso) a proposta de releitura da história brasileira que a obra encerra só poderia ser encenada em uma atmosfera livre de quaisquer cerceamentos”(BERND, 2003,p. 81), cujas 673 páginas compõem a epopéia do povo brasileiro, que dá voz a fala do povo em contraponto com a voz da elite num processo que segundo Schüller (1989, p. 33) “distribuem em duas vozes: a voz dos dominadores e a voz dos dominados. As vozes conjugam-se como máscaras [...] hostilizando-se sem que uma silencie a outras.” numa alteridade discursiva na qual segundo Bernd; Utéza (2001,p. 142) a maior dom do autor “é o de escrever na tensão dos contrários[...] inscrevendo nesse espaço intervalar elementos de desestabilização da estruturas político-sociais brasileira”, a fim de construir após a queda da ditadura militar brasileira um caminho que pudesse “recuperar”, demonstrar e “abrir” um espaço para discursos sobre a questão do negro no Brasil - na História e na Literatura.

A literatura engajada de João Ubaldo está para a obra de Darcy Ribeiro como uma agenciadora de discursos e o comportamento literário do autor, um sujeito, numa posição histórica dos primeiros anos pós-ditadura de 64, que de acordo com a sua geração está imbuído de “aguda consciência crítica” da realidade nacional, propondo-se a agrupar discursos díspares, com um efeito de sentido de protesto, que pretende transformar, determinar e sintonizar o negro na (re) leitura da História do Brasil. No caso de Darcy Ribeiro, o seu livro é um resultado maduro de um processo de estudos sobre o Brasil e sobre a formação do seu povo.

Não se pode perder de vista que as duas obras têm o mesmo foco, contudo elas se diferem não só porque não escritas em suportes diferentes, sendo uma um romance e a outra um ensaio, mas sim pela intenção discursiva. Entende-se por intenção discursiva, o que precede o momento da criação da escrita. Para o autor dizer que ele escreve um romance, conto, ensaio, tese, documentário, comédia, terror, ou qualquer outro gênero, ele está delimitando uma atuação, contudo anterior a ato de criação existe um contexto sócio histórico, que situa o escritor.

Pensemos em Jean Baptiste Polean (Molière), que jamais escreveria suas comédias fundadas em duas pilastras: a mitologia grega e a crítica social. O período histórico do século XVII propiciou a escrita de comédias, que unem o clássico à descrição da alma da sociedade francesa. Não haveria um Molière, se não houvesse uma intenção discursiva, que o

fez ler o período clássico com suas imagens mitológicas e os transpor para o momento contemporâneo do dramaturgo.

Por isso pode-se dizer que a intenção discursiva de João Ubaldo foi criar um texto, cujos discursos da história do Brasil pudessem fluir não pela sacralização dos estudos da brasilidade, mas pela distribuição dos personagens em grupos distintos. Ao fazer isso ele criou diferentes simulacros, nos quais como uma “matrioshka” em seis ou sete receptáculos, ele foi encaixando as diferentes identidades psicológicas dos brasileiros. Há os nacionalistas, os boa-vida, os fracassados, os falsos, os enganadores, os sonhadores, os religiosos. Como Molière, Ubaldo por via da sátira, da paródia, da intertextualidade sobre uma base histórica ele desnuda a psicologia da sociedade brasileira, em termos a identidade nacional.

O termo identidade nacional vem sempre acompanhado de uma conotação de patriotismo de dizer que somos. Em uma balança, entre nós somos A e os outros são B. Nossa terra sempre tem primores que lá não há. Bem não é assim e não pode ser assim, porque identidade é sempre um discurso construído pelo sujeito. E depois esse discurso passa a ser aceito por um determinado grupo. A intenção discursiva perpassa esse momento, no qual o discurso é elaborado por um sujeito mediante ao momento histórico e a forma com que o autor vê a sociedade.

No caso de Darcy Ribeiro, a intenção discursiva foi outra, a de expor o resultado de uma série de pesquisas, que ele acumulou ao longo de sua vida e que ao final deu origem ao livro *O povo brasileiro* (1995) retrata uma visão histórica, visto que ele inicia o texto a parte “O novo mundo”, na qual ele levanta a formação do brasileiro e o processo civilizatório. Num dos capítulos intitulado “Moinhos de gastar gente” Darcy Ribeiro relata de forma contundente a figura do negro, no Brasil e sua relação com o contexto histórico em que ele vivia.

Sobrevivendo a todas as provações, no trânsito de negro boçal a negro ladino, ao aprender a língua nova, os novos ofícios, novos hábitos, aquele negro se refazia profundamente. Não chegava, porém, a ser alguém, porque não reduzia jamais seu próprio ser simples qualidade comum de negro na raça e de escravizado. Seu filho, crioulo, nascido na terra nova, racialmente puro ou mestiçado, este sim, sabendo-se não-africano como os negros boçais que via chegando, nem branco, nem índio e seus mestiços, se sentia desafiado a sair da “ninguenda” construindo a sua identidade. (DARCY, 1995, p. 131)

O negro, retratado por Darcy Ribeiro passa da condição de boçal ao ladino. Nesse discurso de Darcy Ribeiro, ele já coloca uma condição determinante para toda uma raça. Visto com os olhos de um determinista de que todos os negros eram boçais e que todos se tornavam ladinos. Isso não é uma característica determinante, pois historicamente há mais de 23

etnias diferentes de negro. A busca pela identidade do negro é um processo, que não nasce no fato dele ser crioulo e sair da ninguedade para a alguendade, mas sim por um processo de maturação dos afrodescendentes e de um discurso em construção.

Ao tomarmos o modelo aplicado ao negro, o fizemos pela proximidade com os estudos sobre a obra de João Ubaldo, visto que estamos analisando de forma comparada as duas. No caso específico dessa etnia, no romance a relação entre negros e brancos ocorrer forma maniqueístas, pois os negros sempre são bons e os brancos, na maioria, das vezes são maus e sujeitos ao eurocentrismo. Nem negro, nem branco são senhores dessa terra. Ambos de uma forma ou de outro foram transplantados para cá. O primeiro caso por força da escravidão, sendo despojados de tudo e principalmente da liberdade. No segundo, se os brancos para cá vieram foi porque não tinham lugar na Europa. Dessa forma ambos são vítimas de processos civilizatórios, que utilizam da barbárie com os que não se encaixam em determinados padrões.

Se há uma intenção discursiva de apontar a identidade do brasileiro a partir das características psicológicas e sociais entre o boçal e o ladino, por parte de João Ubaldo Ribeiro na descrição dos personagens, isso se dá pela necessidade do escritor em criar um discurso do meio, no qual se encaixa o “ser” nacional. João Ubaldo parte do princípio da alguendade de um grupo social, que mesmo desde o século XVII sabe quem é, de onde veio e que toma posse da *terra brasilis*. O tomar posse não se atém ao montante de terras e bens, mas sim ao discurso de identificação.

2

O estudo literário da obra *Viva o povo brasileiro*(1984) de João Ubaldo Ribeiro iniciou com a proposta ler os discursos do negro e sobre o negro, que pudessem ser evidenciados nos discursos dos personagens e em seus atos. Ao longo de quase dois anos de pesquisa abriga pela UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), optou-se por uma pesquisa comparada entre o romance e o livro *O povo brasileiro*(2000) de Darcy Ribeiro. Se de um lado há uma obra de ficção; do outro há um estudo antropológico. O que une essas duas obras não se refere apenas ao título ou o fato delas tratarem de aspectos referentes a uma releitura da História da Civilização Brasileira.

A primeira relê a História do Brasil e do pensamento intelectual pelo viés da paródia, heteglosia, intertextualidade e carnavalização sem intenção de responder a nenhuma hipótese científica, pois o narrador ubaldiano tende a jogar com o leitor, num jogo de mostra e esconde, cujo processo de construção dos textos passa pelo discurso oratório no sentido, que os capítulos da obra iniciam geralmente com um texto semelhante a

uma crônica (relatam um fato de forma artística); no segundo passo o narrador centraliza e discute pela voz do personagem questões relativas à brasilidade; ao final ele, o narrador, utiliza da função conativa disfarçada com certo tom de metalinguagem. Ao final o texto aproxima com o máximo de intensidade o texto ficcional do científico, o que fez com que as primeiras críticas, na pós-ditadura, o considerassem uma releitura da História Oficial. O que se perpetuou pelos inúmeros textos (artigos, dissertações, teses), que ao longo dos últimos 25 anos, vem dentro da Academia (Estudos Literários e culturais) se repetindo com os seguintes discursos: “ A relação entre ficção e história é problematizada desde o primeiro capítulo [...] a passagem abre um debate sobre a veracidade do fato histórico. (VALENTE, 1990, p. 62), cuja dualidade entre ficção e história nos Estudos Literários das últimas décadas tem levado a uma avalanche de produções, que remetem sempre ao estudo do novo romance histórico como um gênero híbrido de releitura histórica via ficção. Os discursos nesse sentido se duplicaram em relação a VPB¹ até o último, que pudemos catalogar de Eneida Leal Cunha(2007), no qual ela diz:

A insistência de João Ubaldo Ribeiro em afirmar, mesmo antes do lançamento, que *Viva o povo brasileiro* (não é um romance histórico) parece vã, diante da quantidade de episódios consagrados da história brasileira e de procedimentos ou recursos da historiografia que perpassam o romance.

Eneida levanta sempre em seus estudos uma questão que vai além do conhecimento prévio da obra, enquanto romance, pois há sempre a fala da crítica, em dizer que o romance *Viva o povo brasileiro* é histórico, mesmo o seu autor dizendo que não. Voltam-se então os olhos para a questão da propriedade e da autoria, pois o autor, quando escreve um livro e lança-o, no mercado editorial, ele perde a propriedade das ideias contidas, naquela obra. A obra passa a ser representativa das leituras, que ao longo do tempo serão incorporadas a ela. Leituras, que podem ser de diferentes correntes. Uma delas a comparada tende a encontrar pontos de contatos dentre duas obras. Muitas vezes os pontos de contato não são meros sintomas de influência, mas sim de tema, que podem ser abordados de diferentes formas.

No caso específico das duas obras *Viva o povo brasileiro*(1984) de João Ubaldo Ribeiro e *O povo brasileiro* de 1995 escrita por Darcy Ribeiro, a similaridade reside no fato de que ambas centralizaram um mesmo foco, que embora fosse um lugar comum antes de 1964, visto que o IEB foi fundado em 1962; há sem sombra de dúvida o cruzamento entre as obras,

¹ Sigla para *Viva o povo brasileiro*.

não porque o Darcy Ribeiro tivesse se inspirado na obra de Ubaldo, pois ele levou 30 anos e 40 dias para escrever sua obra, logo anterior à VPB, as pesquisas do antropólogo faziam seguidores nas Ciências Sociais, que foi durante muitos anos o campo de atuação do professor João Ubaldo Ribeiro, logo é possível sem correr o risco de querer dar um *status* de verdade ou de cientificidade à ficção, dizer que os discursos e as ações em VPB, encontram seu contraponto nos textos antropológicos de Darcy Ribeiro. Antes porém é interessante notar que a questão do negro depois das leituras efetuadas nos discursos das duas obras, propiciou-nos algumas considerações, que aflorarão nesse texto como um sinalizador da pesquisa realizada.

3

No caso específico de *Viva o povo brasileiro*, a questão do negro e do preconceito estão latentes, pois João Ubaldo Ribeiro separa desde o início os personagens em dominados e dominadores, sendo os negros e seus descendentes os dominados, enquanto Darcy Ribeiro apresenta as matrizes negra, índia e branca como formadoras do povo brasileiro. No caso de Darcy, há a intenção de analisar e descrever o povo brasileiro; no caso de Ubaldo a intenção prévia consiste em carnavalizar as matrizes. Os dois autores, no entanto usam de um discurso modelador para enquadrar as matrizes e determinar como o comportamento dessas definiu o conceito de brasilidade e a identidade nacional. Toma-se por conceito de brasilidade, aquilo que o discurso oficial ou não diz do que é ser brasileiro; por sua vez a identidade brasileira é a manifestação da brasilidade, que é aparece em cada discurso dos personagens do romance. E os personagens do romance tendem a demonstrar os efeitos do preconceito quanto a cor dos indivíduos. Darcy Ribeiro por sua vez discute com propriedade a não junção das três matrizes e a dificuldade de formar o conjunto chamado povo brasileiro:

A assunção de sua própria identidade pelos brasileiros, como de resto por qualquer outro povo, é um processo diversificado, longo e dramático. Nenhum índio criado na aldeia, creio eu, jamais virou brasileiro[...] O negro escravo[...] posto no Brasil, esteve sempre em busca de algum irmão da comunidade longínqua com quem confraternizar[...] O brasilíndio como o afrodescendente existiam numa terra de ninguém, etnicamente falando, e é a partir dessa carência essencial para livra-se da ninguentade[...] que eles veem forçados a criar a sua própria identidade étnica: a brasileira. (RIBEIRO, 2000, p. 130-131)

A ninguentade consiste num fator, que proporcionou o conceito de brasilidade, pois a formação da identidade do brasileiro decorreu do não

saber o que era o descendente das matrizes étnicas do brasileiro. Dessa formação, contudo não se excluiu do final do século 19 e até o século 21, o preconceito de raça e de cor, que os negros e índios sofrem no Brasil. No caso específico dos negros, Ubaldo em *Viva o povo brasileiro*, perpassa diferentes discursos, que não unificam a brasilidade, conforme Darcy Ribeiro tenta demonstrar em sua obra, mas sim determina que o conceito de identidade não passa pela unificação, mas sim pela disparidade e pela defesa de um identidade, que busca em seus iguais a definição do que o afrodescendente é, enquanto brasileiro, que cultua a sua religião como forma de unificação de um povo e defesa contra o preconceito.

No Brasil, desde a sua formação é o preconceito de classe e em menor grau o de raça. Se pensarmos que o conceito de classe e de raça em muitos países significa o mesmo, no nosso caso, ocorre uma modificação, que histórica ou social fez do brasileiro um povo e não uma raça. É comum ouvirmos dizer isso: Somos um povo e não uma raça. A isso se acrescenta: pois somos um povo muito misturado.

De acordo com Hall (2000) não há raça pura, pois em países como a Inglaterra, França, Suécia e outros da Europa, a eugenia, fez com que as raças periféricas da formação desses povos fossem destruídas ou por força bélica ou por força do preconceito de uma raça X não se cruzar com Y dentro de um mesmo território. Contudo nesse caso é bom lembrar, que o conceito de território na Europa nem sempre coincide com o conceito de raça, pois um território pode ser demarcado pela força ou pelos acordos, que a princípio eram por uniões políticas ou matrimoniais. Logo o mapa político da Europa sofreu nos séculos 18, 19 e 20, acentuadas modificações, que ultrapassaram em muito as divisões da Idade Média e da Moderna, pois cada vez mais rápido uma determinada região se separa ou é anexada a outra numa tentativa de aproximar as demarcações territoriais da demarcação racial.

Se um negro ascendia economicamente, ele logo se casava com uma mulher branca, o que se repete até hoje, visto que a mistura de raças no Brasil, o que impediu mesmo depois da imigração europeia e asiática dos séculos 19 e 20, que a eugenia fosse aqui implantada, pois se a princípio a relação entre brancos (ibéricos) e negros baseava-se na suposta ideia de miscigenação gente e não gente, pois o negro era considerado um animal de serviços; com o decorrer do final do século 19 e início do 20, há com as leis do Ventre-livre e Áurea, uma mudança substancial na ideia de que o negro e o branco não pudessem se cruzar, pois embora o negro fosse considerado um ser inferior, muitos casamentos nas camadas periféricas da sociedade brasileira foram realizados.

Em geral, essas uniões, ou ocorrem sem o consentimento das famílias; ou porque o negro ao atingir um patamar de artífice volta seus olhos não mais para as negras, mas para as brancas de classe superior a sua. No caso

da negra, são os seus dotes, não mais de negra, mas o de mulata, (pois desde a casa grande seus serviços para os seus patrões iam da cama ao fogão) conseguia atrair os olhares dos homens brancos como amante e raramente como esposa.

A imigração euroasiática joga abertamente “na cara” do brasileiro o conceito de raça, pois para cada um dos povos que aqui, aportaram quem não fosse da sua raça; ou até mesmo de sua província não poderia contrair núpcias com seus descendentes. Assim durante mais ou menos um cinquenta anos eram raros os casamentos inter-raciais; o que delimitou não o território no Brasil, pois os imigrantes formam esparramados pelos cafeicultores; mas os limites de cada raça. Assim a posição do negro, do índio, do caboclo, do sertanejo, do gaúcho foram estruturadas pelos imigrantes, que a princípio, mesmo trabalhando nas mesmas terras, assustavam seus filhos para que elas não conversassem e muito menos travassem amizades ou namoros com os brasileiros, logo estava definido, quem eram os brasileiros(a raça brasileira): Todos aqueles que nos primeiros 400 anos por meio da miscigenação e da posição territorial entre branco-índio-negro formaram o povo brasileiro.

No decorrer da primeira metade do século 20, os imigrantes ascendem socioeconomicamente, o que lhes concede uma posição de destaque na sociedade, e há um distanciamento não só da classe brasileiros: aqueles economicamente com baixa renda; daqueles das classes média e alta. No primeiro grupo, localizam os imigrantes pobres, negros, índios, mulatos, nordestinos, sertanejos e caboclos, que passaram a constituir um mesmo grupo, que após a Segunda Guerra gradativamente se deslocarem do campo para a cidades, o que favorece a formação de cidades divididos entre centro, arrabalde e periferia. A classe média e a alta são formadas por imigrantes, que ascendem socialmente por meio do enriquecimento vindo do campo e da indústria; negros, cujo serviço militar, o futebol e a música lhes deu certo *status*, ex-barões do café, cuja formação acadêmica, lhes rendeu um lugar de lugar de intelectual nessa sociedade, brasileiros(negros nordestinos, caboclos e gaúchos), cujos ganhos do campo, lhes proporcionaram uma profissionalização, que lhes rendeu trabalhos como artífices, comerciantes, escriturários entre outros.

A cidade como um jogo de cubo, proporcionou ao longo do século 20 mudanças de posições socioeconômicas com ascensão e queda dos indivíduos dentro das classes, logo o preconceito não estava mais nos meandros do conceito de raça, mas sim de classes. O que favoreceu a mistura de raças, pois não havia mais o grupo social pressionando as novas gerações.

Um dos pontos também a serem estudados de forma comparativa entre as duas obras: a de João Ubaldo Ribeiro e a de Darcy Ribeiro passa antes por uma posição destacada por Bhabha (2005, p. 107) sobre a representação da alteridade “ao facilitar a passagem da obra ao texto e sublinhar a construção arbitrária” que desestabiliza a busca idealista por sentidos que quase sempre são intencionais e nacionalista, que levam, no Brasil, tanto o antropólogo quanto o ficcionista a idealizarem uma nação a partir da alteridade, da diversidade, entre as regiões, as raças e a formação do povo brasileiro.

Não é novo esse formato de estudar o povo brasileiro não pela unidade, mas pela diversidade, logo é possível citar outro pesquisador Roger Bastide (1969), em *Brasil, Terra de Contraste*, que tenta discutir literatura, antropologia, política, história com a intenção de delimitar quais os caminhos, que o país deveria seguir.

Os estudos de Bastide são escritos em período anterior ao início das pesquisas de Darcy Ribeiro, que legarão à posteridade “O povo brasileiro: formação e o sentido do Brasil com cinco partes subdivididas em tópicos, que seguem dois eixos: um que fortalece a questão da formação do povo brasileiro da gestação até o parto; e outra a partir dos fatos históricos, o autor tenta dar sentido à existência do povo. Querendo ou não, de forma intencional ou para dar um sentido à nacionalidade, o livro é construído pelo viés da alteridade, o que necessita de algo que enlace as duas pontas e se justifique enquanto texto de contribuição aos estudos da nacionalidade. Se Bastide finaliza com os ditames de que o Brasil como nação jovem deveria ser o elo entre a Europa e a África; por sua vez ressalta Darcy(2000,p.453): “Assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional, a de brasileiros. Um povo, até hoje, em ser, na dura busca do seu destino.” Destino esse, que em termos desse estudo encontra seu contraponto em VPB, visto que “ Almas brasileirinhas, tão pequeninas[...] mas decididas a voltar para lutar.(2000, p. 673).

A leitura das duas obras passará a partir de agora pela seleção de textos da obra de Darcy Ribeiro, que possuam correspondente em VPB. Quanto ao título do romance *Viva o povo brasileiro*, é possível verificar, que a saudação passa pelo pressuposto de uma visão, que unifica e não divide o povo quanto a sua ancestralidade, pois A confluência de tantas e tão variadas matrizes formadoras poderia ter resultado numa sociedade multiétnica (RIBEIRO, 2000, p. 20) ocorreu, segundo o autor o contrário, devido ao fato de que não há minorias raciais no Brasil, embora na fisionomia o

brasileiro conserve as características de seus ancestrais. “ A mancha na testa, um pouco clara do que a sua pele[...] sinal que vinha da cabocla Vu”,(UBALDO RIBEIRO,2000,p.94) que fora ancestral de Dadinha, anciã que repassa em 1826, os ditames em forma de *griots* da essência dos negros da Armação do Bom Jesus(Itaparica-BA), mais á frente, Bonifácio Odulfo, filho de Amleto, um afrodescendente, que não aceita a sua origem e se denomina de Ferreira Dutton, pois deseja ter ascendência inglesa; encontra em sua mulher Henriqueta um modelo europeu, devido ao fato de que ela fala com sotaque português, não sendo influenciada pela língua brasileira. “Os privilegiados simplesmente se isolaram numa barreira de indiferença para com a sina dos pobres, cuja miséria repugnante procuram ignorar ou ocultar numa espécie de miopia social[...], que aparta os ricos dos pobres como se fossem guetos” (RIBEIRO, 2000,p. 24),nos quais os negros saíram da senzalas para os montes e dos montes para a periferia das cidades, formando as favelas.

Quando os membros desse grupo ascendem socialmente como já dissemos, eles tendem a procurar interagir socioeconomicamente com brancos de ascendência europeia, visto que esses grupos distribuíram na sociedade brasileira de forma heterogenia nas diferentes regiões e nas camadas sociais. A distribuição dos brancos deu-se de forma esquematizada desde a imigração, pois os fazendeiros dividiam os grupos de acordo com o mesmo sistema adotado com os negros, deixando em uma mesma região pessoas vindas de diferentes partes da Europa. Para que esses grupos de brancos competissem entre si, os fazendeiros primavam por colocar no comando, sempre administradores, que se destacavam e mantivessem os seus “patrícios” em estado de submissão. Os imigrantes, que permaneceram nas cidades formaram uma nova casta, que do centro para a periferia, foi substituindo ao longo do século 20, as antigas propriedades dos fazendeiros, que para eles não havia separação entre o negro, o índio, o nordestino e o branco brasileiro, visto que todos eram apenas brasileiros com quem suas filhas e filhos não deveriam casar. Pressões financeiras e sociais fizeram com que numa zona de transição entre o centro e o arrabalde fosse criada uma periferia mista entre grupos de negros(afrodescendentes) cidadãos e imigrantes(descendentes), cuja convivência foi aos poucos quebrando as barreiras. O negro do arrabalde, agora isolado, em morros e favelas, do meio do século 20 para o 21, ele encontra bulevares como a música, o futebol e o crime organizado para chegar ao centro.

“O enorme contingente negro e mulato é, talvez, o mais brasileiro dos componentes do nosso povo [...], sendo que (*grifo nosso*) o mulato se humaniza no drama de ser dois, que é o de ser ninguém”(RIBEIRO, 2000, p. 223), que contudo é desmentida essa afirmação em VPB, pois o mulato célebre da Amleto Ferreira Duttons encobre tanto na fisionomia quanto na sua genealogia a ascendência negra de sua mãe Justina, que perpassa

gerações, até que um de seus descendentes pega o estudo sobre a família “feito pelo *British-American Institute for Genealogical Reserch*, [...] e ali estava. Uma pequena história da família escrita em inglês[...], onde estampava o retrato do primeiro Ferreira-Duttons, Amleto Henrique Nobre Ferreira-Duttons”(pp.641-642), que não se humanizou, mas sim se torna na obra VPB uma oposição à figura de Maria da Fé, mulata descendente de Dadinha, que consciente de suas origens africanas, luta pelo povo brasileiro em oposição àqueles(dominadores), membros da classe alta (brancos).

A questão da relação entre cidade e classe social, define-se com algumas hipóteses, que podem delimitar um outro estudo, mas sempre na perspectiva de que houve um enquadramento dos indivíduos, pois as classes dominantes, que outro eram os descendentes dos senhores de engenho ou os grande produtores de café, após a Segunda Guerra Mundial, eles passam a ocupar cargos políticos e cargos nas universidades. Outro contingente, vindo dos agregados da casa grande ou das mansões do café comanda as forças armadas e formam uma espécie de elite fechada, que também tendem a querer sempre tomar o poder dos civis. Os descendentes das senzalas e das colônias, a princípio são a massa de operários, que constroem o país, os descendentes dos colonos primeiro ascendem a cargos nas empresas e ao ensino universitário; e os descendentes da senzala permanecem nas favelas; nos cortiços, nos quatinhos de empregadas e brilham no carnaval. O carnaval, na sua origem, é uma festa de troca de posições, na qual o príncipe pode se vestir de mendigo e os serviçais podem ser coroados “Os reis dos tolos”.

No decorrer desse estudo, percebeu-se que os dois livros, embora de tipologias diferentes, eles conseguiram tornar-se um referencial tanto para a Literatura como para os Estudos de Brasilidade. Hoje as diferentes leituras que aparecem nos discursos dos blogueiros sobre VPB, desmistificam a áurea de ficção engajada, o colocando como representante do populismo literário, que ao longo dos últimos anos, levaram escritores ase tornarem célebres a partir de uma produção (obra), que os mitifica e caí na preferência da Academia. Nesse sentido, há muitas obras como *O Nome da Rosa* de Umberto Eco e *Cem anos de solidão* de Gabriel Garcia Marques, que se celebram um modelo teórico de romance(o novo romance histórico), que no Brasil encontrou uma produção considerável, mas nenhuma com a visibilidade de VPB.

Como já foi dito e volta-se a reiterar, o mote das duas obras de Ubaldo Ribeiro e de Darcy Ribeiro fixa-se na tentativa de expor as teorias sobre a brasilidade não mais pelas penas de pesquisadores estrangeiros, mas com os olhos de brasileiros, que por meio da ficção e do texto científico aproximam-se e se distanciam em diferentes pontos, contudo na maioria das vezes há uma relação de lugares comuns, que foram sendo construídos por pesquisadores como Roger Bastide.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término de mais um estudo comparado podemos verificar que “a obra literária se constrói como uma rede de relações diferenciais formadas com textos literários que a antecedem, ou são simultâneos, e mesmo com sistemas não-literários.” (CARVALHA, 1986,P. 47). As redes formadas entre as duas obras citadas transcende a intertextualidade, pois o que as aproxima ou distancia, em alguns casos, são fatores como o objeto de estudo e a forma de visualizá-lo.

O objeto de estudo é o povo brasileiro, que é visualizado de duas formas bem distintas: uma pela sociologia, no caso de Darcy Ribeiro e outra pela ficção, na obra de João Ubaldo Ribeiro. Nos dois casos são os discursos, que atravessam esses textos. Os discursos construídos sob um mesmo ponto ideológico, visto que há a preocupação em tentar definir o brasileiro.

A obra de ficção tenta se eximir dessa responsabilidade de ser ciência, enquanto a outra se impõe como ciência social. Não perdendo o foco, as duas são representações distintas da procura por um discurso de brasilidade. O que aproxima as obras e é interessante notar ´consiste na sobreposição de discursos sobre a brasilidade, que foram sendo construídos ao longo da História da Vida Social do Brasil.

Como *O povo brasileiro* foi gestado, durante muito tempo, sendo publicado, somente na década de 1990, muito do que o autor escreve, está representado nas descrições dos personagens de João Ubaldo Ribeiro, em *Viva o povo brasileiro*. Uma coisa é clara, as duas formas textuais são discursos, que tentam definir a brasilidade. Uma pelo estudo etnográfico e a outra pela criação de um mito literário baseado na memória de afro-descendentes.

REFERÊNCIAS

- BASTIDE, R. *Brasil: Terra de contrastes*. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia, 1969.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. 3.reimp. Trad. Myrian Ávila [et alli} Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- BERND, Z. *Literatura e Identidade Nacional*. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- BERND, Z.; UTÊZA, F. *O caminho do meio: uma leitura da obra de João Ubaldo Ribeiro*. Porto Alegre: Editora/ UFRGS, 2001.
- CANDIDO, *Literatura e Sociedade*. 8.ed São Paulo : Publifolha, 2000.
- CARVALHAL, T. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986.
- CUNHA, E. L. *Viva o povo brasileiro: história e imaginário*. *Portuguese Cultural Studies*, 2007. Disponível em [HTTP://www.usp.jstor.org.br](http://www.usp.jstor.org.br) Acesso em 27/ago/ 2011

- FOUCAULT, M. *O que é o autor*. Trad. Antonio Fernando Cascais (et alli). 3.ed São Paulo: Passagens, 1997.
- LUKÁCS, G. *Têoria do romance*. 3.ed. São Paulo: duas Cidades, 2000.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido*. 2.ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.
- RIBEIRO, J.U.R. *Viva o povo brasileiro*. 16.reimp. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.
- SCHÜLER, D. *Têoria do romance*. São Paulo: Ática, 1989.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva[et al] 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- VALENTE, L. F. Viva o povo brasileiro: ficção e anti-história. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.25, n. 3, p.61-74. 09/1990.